

O retrato da psiquiatria pelos cinemas norte-americano e brasileiro

The portrayal of psychiatry in American and Brazilian cinema

VITOR HUGO SAMBATI OLIVA¹, DIRCEU ZORZETTO FILHO², FRANCISCO LOTUFO NETO³

¹ Médico psiquiatra pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Psicoterapeuta cognitivo-comportamental pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP). Graduando de Cinema da Faculdade de Artes do Paraná (FAP).

² Professor-assistente do Departamento de Medicina Forense e Psiquiatria da UFPR. Professor de Psiquiatria do curso de Medicina da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR).

³ Professor-associado do Departamento de Psiquiatria da FMUSP. Curso de Especialização e Residência Médica em Psiquiatria pela UFPR.

Recebido: 29/4/2009 – Aceito: 23/6/2009

Resumo

Introdução: Em virtude de sua fácil acessibilidade, o cinema parece influenciar bastante a imagem que a sociedade faz da Psiquiatria. **Objetivo:** Realizar uma revisão sistemática da literatura sobre o retrato da Psiquiatria pelos cinemas norte-americano e brasileiro. **Métodos:** Sem limite de data, fez-se uma busca bibliográfica manual e nos seguintes bancos de dados: LILACS, MedLine, PsychLit, PsycINFO e SciELO. Usaram-se as seguintes combinações de descritores em inglês e, nas bases LILACS e SciELO, os correspondentes em português: “psychiatry” E/OU “motion pictures as topic”. Estipularam-se critérios precisos de inclusão e exclusão. **Resultados:** Vinte artigos indexados e dois livros. No cinema norte-americano, tais fontes evidenciaram um constante retrato estereotipado de diferentes aspectos da Psiquiatria, cuja imagem se mostrou ambivalente e com cinco fases distintas de sua representação. No cinema brasileiro, os escassos estudos se limitaram praticamente à fase de “Retomada” e mostraram que a maioria dos filmes apresentava algum conteúdo psicopatológico. **Discussão:** Apesar da dificuldade de comparação entre as fontes encontradas, uma vez que quase todas eram descritivas, foi possível traçar um paralelo do retrato da Psiquiatria entre as películas dos Estados Unidos e as nacionais. **Conclusão:** A representação da Psiquiatria difere bastante entre os cinemas norte-americano e brasileiro, sobretudo pela amostra de os filmes analisados abrangerem períodos bem distintos.

Oliva VHS, et al. / *Rev Psiquiatria Clínica*. 2010;37(2):89-95

Palavras-chave: Psiquiatria, psiquiatra, cinema, filmes.

Abstract

Introduction: As cinema has an easy accessibility, it seems to influence society's image of psychiatry. **Objective:** To accomplish a systematic review of the literature about the portrayal of psychiatry in American and Brazilian films. **Methods:** With no date limits, we searched the databases: LILACS, MedLine, PsychLit, PsycINFO and SciELO. We used the following terms in English and, in LILACS and SciELO, their equivalent in Portuguese: “psychiatry” AND/OR “motion pictures as topic”. A manual search was also done. Accurate inclusion and exclusion criteria were stipulated. **Results:** Twenty indexed articles and two books. In American cinema, the data have allowed to identify a constant stereotyped portrayal of different aspects of psychiatry, its ambivalent image and five distinct phases of its depiction. In Brazilian cinema, the few studies about the image of psychiatry have focused on “The retaken” phase. The majority of its films have showed some psychopathological content. **Discussion:** As almost all articles have been descriptive, it was difficult to establish a comparison among them. However, it was possible to draw a parallel between US films and Brazilian ones. **Conclusion:** The portrayal of psychiatry differs between American and Brazilian cinema mainly because the sample of analyzed movies came from very distinct periods.

Oliva VHS, et al. / *Rev Psiquiatria Clínica*. 2010;37(2):89-95

Keywords: Psychiatry, psychiatrist, cinema, films, movies.

Introdução

“O estudo de dez bons romances pode ensinar a respeito da natureza do ser humano e de seu estado mental tanto quanto os livros de Psiquiatria?” Green¹ responde sua própria pergunta afirmando que ambas as abordagens são complementares. A permuta de influências que ocorreu no século XX entre a Psiquiatria e as diferentes artes, sobretudo o cinema, justifica tal resposta. Filmes começaram a ser analisados de acordo primeiro com a teoria psicanalítica² e mais tarde com outras linhas teóricas³. Prova da utilidade da Sétima Arte como tratamento surge com a “cinematerapia”⁴ – intervenção psicoterápica na qual são indicados filmes comerciais para o paciente ver. Além disso, a Psiquiatria aos poucos se apropriou do cinema como um importante recurso didático-pedagógico^{5,6}.

Para Wedding *et al.*⁶, em virtude de sua grande acessibilidade, o cinema tem uma influência maior na sociedade do que qualquer outra

forma de Arte. Assim, ele ajuda a construir a percepção do público em relação ao transtorno mental, uma vez que o meio audiovisual se mostra bastante efetivo em formar a opinião dos espectadores quando um assunto é pouco conhecido. A Psiquiatria no cinema tem desenvolvido suas próprias características⁷, pois muitas de suas descrições são repletas de elementos ficcionais bastante inverossímeis. Portanto, estudar esse fenômeno contribui para compreender os conceitos transmitidos aos espectadores e, conseqüentemente, aos pacientes. Enfim, conforme Gabbard³ já disse, ao estudarmos a Sétima Arte, estudamos nós mesmos.

Objetivo

Fazer uma revisão bibliográfica sistemática em relação ao retrato da Psiquiatria tanto pelo cinema norte-americano quanto pelo cinema brasileiro.

Método

Foi realizada uma busca bibliográfica manual e nos seguintes bancos de dados: LILACS, MedLine (interface PubMed), PsychLit, PsycINFO e SciELO. Não houve limite de data. Nas bases LILACS e SciELO, fez-se cruzamento da palavra-chave “Psiquiatria” E/OU “Cinema” OU “Filme”. Nas outras fontes, usou-se a combinação desses descritores em inglês: “psychiatry” E/OU “motion pictures as topic”. Os critérios de exclusão foram: (1) idioma diferente do inglês, português ou espanhol; (2) uso de filmes como recurso didático-pedagógico; e (3) análise do comportamento de personagens de um filme sem haver enfoque sobre o tratamento psiquiátrico. Portais eletrônicos (Adoro Cinema; E-pipoca; *Internet Movie Database*) foram consultados para obtenção de dados sobre os filmes, tais como data de lançamento e título em português. Nas fontes bibliográficas encontradas, foram mencionadas mais de 200 películas das quais apenas 42 foram citadas neste trabalho (Tabelas 1 e 2). Priorizaram-se os filmes apontados como representativos, várias vezes, por diferentes pesquisadores. Dessas películas, 26 foram assistidas pelos autores do atual estudo.

Tabela 1. Filmes norte-americanos citados no estudo

Título em português	Título original	Ano de publicação	Diretor
Amor tem seu preço	<i>Lovesick</i>	1983	Marshall Brickman
As três faces de Eva	<i>The Three Faces of Eve</i>	1957	Nunnally Johnson
Bob e Carol & Ted e Alice	<i>Bob and Carol & Ted and Alice</i>	1969	Paul Mazursky
David and Lisa	<i>David and Lisa</i>	1962	Frank Perry
Don Juan DeMarco	<i>Don Juan DeMarco</i>	1995	Jeremy Leven
Frances	<i>Frances</i>	1982	Graeme Clifford
Freud, além da alma	<i>Freud</i>	1962	John Huston
Garota interrompida	<i>Girl, Interrupted</i>	1999	James Mangold
Marat/Sade	<i>Marat/Sade</i>	1966	Peter Brook
Matador em conflito	<i>Grosse Pointe Blank</i>	1997	George Armitage
Melhor é impossível	<i>As Good as It Gets</i>	1997	James L. Brooks
Mundos íntimos	<i>Private Worlds</i>	1935	Gregory La Cava
Na corda bamba	<i>Sling Blade</i>	1996	Billy Bob Thornton
Na cova das serpentes	<i>The Snake Pit</i>	1948	Anatole Litvak
Noivo neurótico, noiva nervosa	<i>Annie Hall</i>	1977	Woody Allen
O homem errado	<i>The Wrong Man</i>	1956	Alfred Hitchcock
O silêncio dos inocentes	<i>The Silence of the Lambs</i>	1991	Jonathan Demme
Paixões sem freios	<i>The Cobweb</i>	1955	Vincente Minnelli
O príncipe das marés	<i>The Prince of Tides</i>	1991	Barbra Streisand
Psicose	<i>Psycho</i>	1960	Alfred Hitchcock
Quando as nuvens passam	<i>When the Clouds Roll By</i>	1919	Victor Fleming Theodore Reed
Quando fala o coração	<i>Spellbound</i>	1945	Alfred Hitchcock
Shine – Brilhante	<i>Shine</i>	1996	Scott Hicks
Sublime loucura	<i>A Fine Madness</i>	1966	Ivin Kershner
Teoria da conspiração	<i>Conspiracy Theory</i>	1997	Richard Donner
Última hora	<i>The Front Page</i>	1931	Lewis Milestone
Um corpo que cai	<i>Vertigo</i>	1958	Alfred Hitchcock
Um estranho no ninho	<i>One Flew Over the Cuckoo's Nest</i>	1975	Milos Forman
Uma mente brilhante	<i>A Beautiful Mind</i>	2002	Ron Howard
Vestida para matar	<i>Dressed to Kill</i>	1980	Brian De Palma

Tabela 2. Filmes brasileiros citados no estudo

Título	Ano de publicação	Diretor
A paixão de Jacobina	2002	Fábio Barreto
A partilha	2001	Daniel Filho
Bicho de sete cabeças	1999	Lais Bodanzki
Central do Brasil	1998	Walter Salles
Cidade de Deus	2003	Fernando Meirelles
Estamira	2004	Marcos Prado
Madame Satã	2002	Karim Ainouz
Meu nome não é Johnny	2006	Mauro Lima
O cheiro do ralo	2006	Heitor Dhalia
O invasor	2001	Beto Brant
Pixote	1981	Hector Babenco
Villa-Lobos: uma vida de paixão	2000	Zelito Viana

Resultados

De acordo com os critérios de inclusão e exclusão anteriormente explicitados, selecionaram-se 20 artigos indexados. Na busca manual, foram encontrados dois livros. A análise das fontes bibliográficas consultadas permitiu delinear como a Psiquiatria – denominação que inclui o médico psiquiatra, o psicoterapeuta (seja ele psicanalista ou não), o doente mental e a instituição psiquiátrica – vem sendo retratada pelo cinema norte-americano e como tem sido sua representação nos filmes brasileiros a partir da década de 1980.

O retrato da Psiquiatria pelo cinema norte-americano

Ao analisar em filmes norte-americanos apenas o retrato do médico psiquiatra, ou de personagens que o sugerissem, Schneider⁸ e Clara⁹ descreveram três estereótipos de psiquiatras nesse cinema: o **divertido e tolo**, mais louco do que seus pacientes, utilizando métodos de tratamento bizarros, porém raramente causando algum mal; o **demônio e insano**, que, por vezes inseguro, abusa de sua profissão para cometer atos malignos; e o **inteligente e atraente**, com uma representação bastante idealizada. Walter¹⁰, ao aprofundar a investigação sobre o estereótipo do psiquiatra louco, concluiu que essa imagem resultou sobretudo do modo como os primeiros psiquiatras eram rotulados. Já Gharaibeh¹¹ analisou de maneira quantitativa como os filmes norte-americanos retratam psiquiatras e psicoterapeutas. Dos 160 filmes avaliados, apesar de 63,6% mostrarem esses profissionais como gentis, 44,9% fizeram uma caracterização exagerada a ponto de ultrapassar limites éticos. Gabbard¹² observou que o psiquiatra no cinema norte-americano é quase sempre retratado como psicoterapeuta. A prescrição de remédios raramente é mencionada. Há confusão sobre a diferença entre psiquiatras, psicanalistas, psicólogos, assistentes sociais e outros tipos de conselheiros e terapeutas.

Os diferentes tratamentos instituídos pela Psiquiatria também foram objeto de análise. Em relação à psicoterapia, Gabbard¹² identificou dois estereótipos que se repetem ao longo do cinema norte-americano. O primeiro é o de que as técnicas psicoterápicas se restringem à catarse – enfoque já obsoleto. O segundo é o da cura por meio do amor, sendo este proveniente do terapeuta, de um familiar ou do paciente. Já McDonald e Walter¹³ avaliaram como a eletroconvulsoterapia (ECT) foi retratada em filmes norte-americanos de 1948 a 2000. No início desse período, esse tratamento foi mostrado como grave, porém útil. No decorrer das décadas, passou a ser exibido com uma visão cada vez mais negativa, deixando a impressão de ser um procedimento nocivo sem nenhum benefício terapêutico.

Em uma análise compilatória sobre o retrato do transtorno mental nas películas norte-americanas, Wedding *et al.*⁶ descreveram seis estereótipos comuns de doentes mentais que perpetuam seu estigma. O primeiro é o do **doente rebelde com espírito livre**, como visto em “Um estranho no ninho” (1975), “Frances” (1982) e “Shine

– Brillhante” (1996). O segundo, o **maníaco homicida**, geralmente se insere em filmes de terror, como em “Na corda bamba” (1996). O terceiro, o paciente **sedutor**, pode ser visto em “Vestida para matar” (1980). O quarto, o doente mental como um **cidadão iluminado da sociedade**, é mostrado em “Sublime loucura” (1966). O quinto, o **parasita narcisista**, ou seja, aquele que só pensa em si, procura atenção dos outros e é exigente, encontra-se em películas como “Noivo neurótico, noiva nervosa” (1977) e “Amor tem seu preço” (1983). Finalmente, o **animal de zoológico**, considerado uma mera fonte de divertimento ou entretenimento para os ditos “normais”, está em “Marat/Sadé” (1966).

Esses mesmos autores identificaram nos filmes temas dominantes a partir dos quais se estabelecem estereótipos também quanto à etiologia dos transtornos mentais. O primeiro é o da crença de que um único evento traumático, frequentemente ocorrido na infância, geralmente ocasiona mais tarde um transtorno mental. São exemplos “Quando fala o coração” (1945) e “As três faces de Eva” (1957). O segundo estereótipo insere a causa do transtorno mental nos pais (sobretudo na mãe). É o que ocorre em “Frances” (1982) e “Shine – Brillhante” (1996). O terceiro é o fato de uma excentricidade benigna ser frequentemente rotulada como transtorno mental ou inapropriadamente tratada. Tal concepção está presente em “Um estranho no ninho” (1975), no qual o protagonista, carismático e extravagante, é internado em um hospital psiquiátrico.

Butler e Hyler¹⁴ analisaram a representação no cinema norte-americano de problemas emocionais e comportamentais de crianças e adolescentes. Eles verificaram que um diagnóstico formal de transtorno mental nessa faixa etária é raramente visto nas películas. O que predomina são mitos como lavagem cerebral, encarceramento, culpa dos pais, violência e possessão demoníaca.

Ao longo da história do cinema norte-americano, podem ser identificadas cinco fases distintas do retrato da Psiquiatria^{15,16}. Glen Gabbard e Krin Gabbard¹⁵ descreveram as três primeiras, cronologicamente: a fase da caricatura, a “Época de Ouro” e a fase do domínio de descrições negativas. Fiks e Santos Júnior¹⁶ fizeram uma nova análise da terceira fase e acrescentaram outras duas: a da vilania de doente mental e psiquiatra e a da aproximação da realidade. São descritas a seguir cada uma dessas fases.

Primeira fase: a caricatura

De acordo com Glen Gabbard e Krin Gabbard¹⁵, essa fase compreende praticamente os primeiros cinquenta anos do século passado e se destaca pelo modo como o médico psiquiatra é mostrado. Ao longo dessas décadas, sua caracterização sofreu pequenas alterações. Durante os primeiros anos do cinema norte-americano, os psiquiatras foram constantemente confundidos com hipnotizadores, clarividentes e outros tipos de profissionais com funções pouco definidas. Isso acabou estabelecendo um modelo de desmedicalização da Psiquiatria que se manteve em centenas de filmes posteriores. Esses autores acrescentaram que, nesse período, o psiquiatra era muitas vezes visto como charlatão, oráculo ou uma espécie de “alienista” – termo do século XIX atribuído aos médicos de instituições mentais os quais iam a tribunais para comprovar a competência mental de réus e testemunhas. Como início dessa fase surge “Quando as nuvens passam” (1919), dirigido por Douglas Fairbanks, em que um “médico da mente” procura levar o herói da estória ao suicídio como parte de um experimento. Já na década de 1920, algumas poucas películas tiveram personagens que se assemelharam a psiquiatras¹⁵. Nas décadas de 1930 e 1940, quase todos os personagens psiquiatras que apareciam em filmes falados eram adaptados de peças ou romances – o que pode ter sido reflexo da lenta disseminação da Psicanálise em direção a Hollywood¹⁵.

Nessa época, um amplo mito cinematográfico do psiquiatra, e consequentemente da Psiquiatria, construído em imagens diametralmente opostas, já havia se estabelecido¹⁵. De um lado, a película “Última hora” (1931) mostrava a típica caricatura do psiquiatra da década de 1930: um “alienista” de Viena com sotaque estereotipado, bobo, falando um jargão pomposo e com óculos *pince-nez*¹². Do outro lado, “Mundos íntimos” (1935) foi uma das primeiras tentativas de uma

representação mais séria da Psiquiatria. Prova disso consiste em um psiquiatra de verdade ser contratado como supervisor técnico. Mesmo assim, há na trama romance entre médicos e crises de pacientes violentos sendo controladas apenas com as palavras tranquilas da psiquiatra. A partir dessa comparação, percebe-se que o retrato negativo em “Última hora” (1931) podia ser visto ao lado da idealização do psiquiatra em “Mundos íntimos” (1935), influenciando a plateia a ter atitudes ambivalentes em relação à Psiquiatria¹⁵.

Na década de 1940, embora o psiquiatra tenha sido mostrado na maioria das vezes como charlatão, dois filmes trouxeram novos elementos ao ampliar o foco da narrativa para outras questões da Psiquiatria que não só a caracterização do psiquiatra¹⁵. Em “Quando fala o coração” (1945), de Alfred Hitchcock, algumas cenas contêm as primeiras discussões em detalhe sobre contratransferência no cinema norte-americano. Houve ainda a utilização de um assessor psiquiátrico e a contribuição do surrealista Salvador Dalí na sequência onírica. Entretanto, há uma abordagem um tanto machista em relação à psiquiatra da película, além de permanecer uma visão deturpada do médico psiquiatra e a convencional cura catártica por intermédio da fala¹⁵. Já “Na cova das serpentes” (1948) inova ao questionar a efetividade da Psiquiatria e ao acrescentar um ponto de vista sociológico sobre a gênese dos transtornos mentais. O psiquiatra desse filme luta contra as inadequações de instituições mentais, incluindo superlotação, enfermeiras arbitrariamente autoritárias e administradores incompetentes. Simultaneamente, a ECT é retratada como desumana, mas também útil¹⁵.

Na década de 1950, a maioria dos filmes apenas perpetuou as representações anteriores da Psiquiatria. Poucas películas trouxeram alguma mudança¹⁵. “Paixões sem freios” (1955) se inseriu em um contexto de gradual visão positiva dos filmes de Hollywood a respeito da Psiquiatria. O filme introduziu também a imagem, que logo se tornaria estereotipada, do psiquiatra competente que traz o bem-estar aos outros em detrimento de sua própria vida pessoal¹⁵.

Segunda fase: a “Época de Ouro”

Aproximadamente de 1957 a 1963, essa fase, segundo Glen Gabbard e Krin Gabbard¹⁵, é a época do retrato idealizado do psiquiatra. Ela surgiu a partir de diferentes fatores contribuintes, dos quais se destacou a maior exigência dos espectadores em relação à qualidade das películas. Assim, na tentativa de reconquistar o público, apareceram filmes rotulados como “sérios”. Nesse contexto, os psiquiatras passaram a ser caracterizados como admiráveis curadores de mentes perturbadas. Fiks e Santos Júnior¹⁶ apontaram que uma constante nessas películas foi o doente mental (protagonista) representar o caso espetacular, geralmente com um diagnóstico psiquiátrico e uma apresentação especialmente dramática do quadro.

Já Schneider⁸ discorreu sobre a “Época de Ouro” como um período de latência. Observou que após a guerra houve uma enxurrada de filmes psicológicos, que também começaram a abordar assuntos sociais.

Glen Gabbard e Krin Gabbard¹⁵ destacaram como o auge dessa fase “David and Lisa” (1962), uma vez que a Psiquiatria aqui é colocada como a melhor esperança para os indivíduos mal compreendidos e problemáticos. O filme estabelece ainda credenciais como “Arte” ao enfraquecer os mitos familiares do cinema norte-americano vistos como uma cultura homogênea livre de rupturas não resolvidas, incluindo aí o transtorno mental. Além disso, a película revela um psiquiatra mais humano que ocasionalmente se perturba com os ataques da protagonista, mesmo tentando não mostrá-lo.

Esses autores identificaram ainda uma certa ambiguidade nos filmes de Alfred Hitchcock dessa época. Afirmaram que, superficialmente, eles parecem ter uma visão mais positiva da Psiquiatria, mas isso perde força ao serem analisados seus articulados subtextos. Em “O homem errado” (1956), o final pessimista da paciente, que termina ainda profundamente perturbada, vai contra a esperança oferecida pela terapia exibida na obra. De modo implícito, “Um corpo que cai” (1958) inclui uma complexa investigação psicológica da tendência humana de substituir a realidade por uma imagem idealizada de uma pessoa. Assim, mais importante do que a presença do psicoterapeuta

no filme é o seu subtexto que encontra loucura no amor, traição na amizade e morte no clímax sexual deslocado para a cena do topo da torre da igreja. Em “Psicose” (1960), as explicações do personagem psiquiatra no término da película, embora procurem dar mais credibilidade à trama, ficam em segundo plano. Destacam-se outros assuntos perturbadores como o matricídio, o voyeurismo e a própria cumplicidade da plateia em relação ao assassino.

Como marco de encerramento dessa fase, encontra-se “Freud, além da alma” (1962). Roteirizado por Jean-Paul Sartre, o filme une os progressos de Freud em direção à definição do complexo de Édipo por meio de uma análise paralela tanto deste quanto da paciente¹⁵.

Terceira fase: o predomínio de descrições negativas

Essa fase vai de meados de 1960 até o final de 1980¹⁶. Fiks e Santos Júnior¹⁶ enfatizaram a influência da “contracultura” na expressão do cinema desse período. Citaram esse termo como referente, em geral, à atitude de movimentos culturais cuja tônica foi a oposição aos conceitos estabelecidos pela época vigente. Nessa conjuntura, enquadra-se a crítica à Psiquiatria por meio da “antipsiquiatria”. Essa denominação foi apontada por esses autores como um movimento, surgido nos anos 1960, que desafiava as práticas fundamentais da Psiquiatria, vista naquele momento como um poder para rotular e estigmatizar as pessoas. Assim, o psiquiatra era considerado parte do complexo industrial-militar, um agente repressor da sociedade¹².

Como um dos principais representantes dessa fase, Fiks e Santos Júnior¹⁶ indicaram “Um estranho no ninho” (1975) e viram no protagonista dessa película uma espécie de herói fora-da-lei, que acaba confinado em um hospital psiquiátrico cujo diretor é um psiquiatra de função meramente administrativa. Para esses pesquisadores, a Psiquiatria é apresentada como uma conquista de uma cultura que não hesita em utilizar a ECT e a lobotomia para punir seus transgressores, ou seja, o tratamento do transtorno mental torna-se uma metáfora da castração. Acrescentaram que, nesse filme, a maioria dos pacientes não é considerada doente e sim pessoas fracas que se internaram voluntariamente por ser incapazes de encarar a realidade do mundo fora da instituição.

Nessa fase, Glen Gabbard e Krin Gabbard¹⁵ fizeram uma menção especial a Woody Allen. Ele ora interpreta o analisando desencantado, ora faz a figura do terapeuta ineficaz. Este dorme com sua paciente, faz interpretações desacreditadas e considera os problemas dos pacientes triviais. De acordo com esses estudiosos, a Psicanálise é vista por Allen como uma falsa promessa de felicidade por meio da eliminação dos “problemas pessoais”, uma vez que ela promove o perdão desses problemas por intermédio de uma autopiedade narcisista e, portanto, pouco resolutiva. Afirmaram que a grande contribuição desse cineasta foi a até então inovadora ironia que ele trouxe para a caracterização dos pacientes. Usando a Psiquiatria, além de uma vasta gama de técnicas cinematográficas, ele explora a ambivalência das relações humanas. Para ilustrar, esses autores citaram uma cena de “Noivo neurótico, noiva nervosa” (1977) na qual o diretor usa o artifício de dividir a tela para mostrar simultaneamente a discussão de um casal sobre sua vida sexual com seus respectivos psiquiatras.

Ao abordarem Paul Mazursky, Glen Gabbard e Krin Gabbard¹⁵ colocaram que ele também explora a ambivalência das relações humanas por meio da Psiquiatria, porém a partir da inclusão nos seus filmes de psiquiatras não atores. Segundo esses pesquisadores, em “Bob e Carol & Ted e Alice” (1969), o psiquiatra está no mesmo patamar de inúmeras terapias alternativas e nenhuma dessas experiências parece ajudar os personagens. Em uma cena na qual a paciente está na iminência de uma *insight* maior, o psicanalista informa que o tempo dela acabou, mesmo após insistência para prorrogação. Desse modo, embora o psicoterapeuta tenha agido profissionalmente, a plateia fica em desacordo com seu comportamento¹⁵.

Quarta fase: a vilania de doente mental e psiquiatra

Definida por Fiks e Santos Júnior¹⁶, essa fase compreende a década de 1990 e é caracterizada por uma intensificação do retrato negativo da Psiquiatria na grande tela, sendo denegridos tanto psiquiatras

quanto pacientes. De acordo com esses autores, os doentes mentais são vistos como assassinos, deficientes ou com quadros muito distantes dos encontrados na clínica. Já os terapeutas, especialmente psiquiatras, são mostrados como criminosos, incapazes e antiéticos. O principal exemplo dessa fase recai sobre “O silêncio dos inocentes” (1991), sobretudo por mostrar dois perfis de psiquiatras malévolos. Um deles, Hannibal Lecter, interpretado por Anthony Hopkins, faz um anti-herói que, apesar de perigoso assassino e canibal, também é sofisticado, culto, vaidoso e lógico. O outro psiquiatra é sádico, sedutor, antiético e capaz de desvirtuar completamente sua especialidade, transformando-a em instrumento de poder. Ao analisarem esse filme, Dubugras *et al.*¹⁷ evidenciaram no personagem Dr. Lecter uma fusão do retrato negativo do doente mental com o do psiquiatra. Segundo esses pesquisadores, existem várias associações nessa película: Psiquiatria e loucura, Psiquiatria e manipulação, inteligência e loucura, capacidade de compreender a mente e poder sobrenatural, transtorno mental e violência.

Glen Gabbard e Krin Gabbard¹⁵, apesar de não terem apontado uma quarta fase do retrato da Psiquiatria pelo cinema norte-americano, descreveram alguns filmes desse período cujas características os enquadram nessa fase. Assim, em uma visão machista como em “O príncipe das marés” (1991), psicoterapeutas mulheres são antiéticas e incapazes de não se apaixonarem por pacientes do sexo masculino que sejam bonitos. Já “Teoria da conspiração” (1997) mostra o psiquiatra como um agente corrupto da CIA, ou seja, um criminoso. Por fim, o psiquiatra de “Matador em conflito” (1997) se autodeclara incapaz por causa do medo que sente de seu paciente – um assassino profissional.

Quinta fase: a aproximação da realidade

Essa fase, segundo Fiks e Santos Júnior¹⁶, corresponde aos tempos atuais – final do século XX e início do século XXI. Para eles, agora há uma reaproximação entre o caso espetacular da “Época de Ouro” e a prática clínica. Apontaram como seu principal representante o filme “Melhor é impossível” (1997), no qual há uma exibição mais verídica de um transtorno mental e de seu tratamento. Um exemplo ocorre quando o personagem de Jack Nicholson tenta invadir o consultório de seu psiquiatra para receber um pouco de atenção e é inadvertido por este de maneira assertiva. Para esses autores, embora haja uma discreta sugestão da melhora do protagonista por meio da intervenção médica, a película ainda apresenta um quadro de transtorno obsessivo-compulsivo (TOC) um pouco distante da prática clínica. Dubugras *et al.*¹⁷ analisaram o retrato do psiquiatra nesse filme e o identificaram como um personagem funcional, uma vez que ele introduz informações a respeito da doença e do tratamento do protagonista. Esses pesquisadores destacaram algo raro e que fica claro nessa película – a imagem positiva da medicação psicotrópica que, apesar de não ser mostrada em detalhes, é sugerida pela melhora do protagonista.

Para Fiks e Santos Júnior¹⁶, o início de “Garota interrompida” (1999) parece ser uma expressão da “antipsiquiatria”, pois a protagonista, feita por Winona Ryder, é logo entrevistada de forma um tanto burocrática e irônica pelo psiquiatra, que decide interná-la. Entretanto, esses estudiosos colocaram que, ao longo da narrativa, essa visão sombria inicial se desfaz e fica evidente que é o ponto de vista da protagonista que faz do ambiente um lugar repressor. Várias situações do filme procuram compor um retrato realista: longas consultas médicas, vários tipos de terapia e atividades, isolamento, restrições, saídas vigiadas e aplicação de sedativos. Enfatizaram que essa é uma das poucas películas que mostra alguns quadros que se aproximam da clínica psiquiátrica: depressão, esquizofrenia, TOC, transtornos alimentares e transtorno da personalidade. Dubugras *et al.*¹⁷ identificaram três perfis de psiquiatras nesse filme. O primeiro, impaciente e irônico, está preocupado apenas em ajudar o pai da protagonista; o segundo é um personagem decorativo, uma vez que se restringe a fornecer informações médicas de modo mais afetivo. O terceiro perfil consiste em uma psiquiatra que é ajudante da protagonista, pois aproveita um incidente como oportunidade de comunicação com a paciente e estímulo à recuperação desta.

Um dos últimos filmes dessa fase, “Uma mente brilhante” (2002), traz a biografia de John Nash, matemático ganhador do Nobel e que depois descobriu ter esquizofrenia. Fiks e Santos Júnior¹⁶ encontraram nessa película uma visão mais positiva da Psiquiatria, apesar de um tanto sensacionalista. Citaram a cena da primeira internação do protagonista, involuntária, em que o hospital é mostrado como um lugar terapêutico adequado ao qual a família tem acesso. Em outro momento, o matemático, após um surto psicótico, é atendido em sua própria casa pelo psiquiatra e de modo bastante ético. Esses autores complementaram que esse filme coloca também questões relevantes a respeito dos efeitos colaterais das medicações e da importância da aderência à farmacoterapia para a melhora do paciente. Em seu estudo, Dubugras *et al.*¹⁷ consideraram o psiquiatra dessa película como um personagem funcional, pois suas ações estão quase sempre inseridas quando são transmitidas informações sobre o transtorno mental. Para eles, embora a trama coloque o diagnóstico do protagonista como adequado, o tratamento psiquiátrico é visto como insuficiente. Abreu¹⁸ comentou que essa visão mais realista da vida de um paciente com esquizofrenia permite: a disseminação do conhecimento desse transtorno mental; a diminuição da vergonha em expô-lo; e a esperança de melhora (incluindo o potencial criativo) por intermédio de um tratamento integrado entre psicoterapia e farmacoterapia.

O retrato da Psiquiatria pelo cinema brasileiro

As fontes, nacionais ou internacionais, que discorrem sobre o retrato da Psiquiatria no cinema brasileiro são bastante escassas. Não há uma delimitação em fases como ocorre no cinema norte-americano. Contudo, isso não significa que há poucos filmes brasileiros que abordem a Psiquiatria. Em uma amostra de 45 películas da fase de “Retomada” do cinema nacional, que inclui os filmes elaborados de 1994 a 2004, Maia *et al.*¹⁹ encontraram algum conteúdo de psicopatologia em 60% deles. Desse modo, a partir das fontes bibliográficas encontradas, podem ser listados, em ordem cronológica, alguns dos filmes brasileiros que foram apontados como exemplos de representação de um transtorno mental, de alterações psicopatológicas ou de conflitos inconscientes.

“Pixote” (1981)

Único filme fora da fase de “Retomada” do cinema nacional, ele está incluso por Wedding *et al.*⁶ na categoria de transtornos mentais da infância e adolescência. Esses autores descreveram a película como um contexto de crianças esquiladas que vivem nas ruas de São Paulo em um ambiente de miséria, crimes, uso de substâncias psicoativas e prostituição. Acrescentaram que uma das crianças, Pixote, comete seu primeiro assassinato aos dez anos de idade.

“Central do Brasil” (1998)

Embora não retrate necessariamente a Psiquiatria, é um filme que lida com questões que podem ser analisadas pela interpretação psicanalítica. Assim, segundo Zusman²⁰, é uma película que presta ao exame do fenômeno do trauma psíquico, pois os dois protagonistas – Dora e Josué – são vítimas de situações traumáticas, ambas relacionadas com a ausência do pai, cada uma a seu modo. Dora, ao rasgar as cartas que escreve em seu trabalho, faz o mesmo que com suas fantasias eróticas e afetivas: reprime-as. Além disso, quando se depara com Josué, identifica-se com o trauma que ela mesma sentira na infância. Apesar das brigas, sela-se entre os dois personagens do filme uma ligação inconsciente lastreada pela necessidade de elaborar o trauma que lhes é comum: encontrar um pai. O processo de transformação em ambos acontece à medida que os dois descobrem e admitem a afeição mútua. A elaboração do trauma dos personagens culmina na possibilidade de eles suportarem a separação: Dora permite-se amar e sofrer; Josué conforma-se, sem entrar em desespero²⁰.

“Bicho de sete cabeças” (1999)

Adaptação do livro “Canto dos malditos”, de Austregésilo Carrano, o filme trata de sua internação involuntária pelo pai em um hospital psiquiátrico de Curitiba, ainda nos anos 1970. Para Fiks e Santos Júnior¹⁶, a diretora Laís Bodanzki apenas transpõe a ação e a realidade daquela época para os dias atuais, sem considerar as devidas mudanças na assistência psiquiátrica ao longo das décadas. Acrescentaram que a película torna-se uma propaganda declarada do movimento de luta antimanicomial, conforme o texto dos letreiros finais. Segundo esses autores, há vários momentos no filme que deturpam a Psiquiatria. As cenas com ECT contribuem para a manutenção do preconceito quanto a esse tratamento. Os pacientes são mostrados de forma bastante caricata e imprecisa a ponto de dificultar uma impressão diagnóstica mais apurada. O único médico aparece como portador de dependência química de várias substâncias, incluindo o álcool. Os pais do protagonista, bastante estereotipados, são responsabilizados praticamente por todo o sofrimento do jovem incompreendido.

Maia *et al.*¹⁹ colocaram esse filme como uma visão apenas parcial da realidade de instituições psiquiátricas e complementaram que ela vai ao encontro da maioria dos retratos cinematográficos do transtorno mental, visto como perigoso e ameaçador e que necessita ser duramente confrontado e posto sob controle.

“Villa-Lobos: uma vida de paixão” (2000)

Biografia de um dos maiores compositores nacionais, esse filme mostra alterações de atenção voluntária e espontânea, pensamento prolixo, intoxicação alcoólica, distímia e questões de relação interpessoal entre um casal¹⁹.

“O invasor” e “A partilha” (2001)

Enquanto o primeiro aborda o transtorno da personalidade antisocial, o segundo é uma comédia de costumes na qual se encontram: pensamento mágico, ideias de autorreferência, claustrofobia, ataque de pânico situacional, impulsividade, além de cenas leves com conteúdo parafilico¹⁹.

“Madame Satã” e “A paixão de Jacobina” (2002)

Em ambos, o transtorno mental ultrapassa a esfera psicopatológica e abrange algumas questões sociais¹⁹. O primeiro, além de abordar sexualidade e violência, inclui problemas sociais e dilemas éticos e morais. O segundo envolve não só a esquizofrenia como também o papel dos transtornos mentais nos movimentos sociais. Nas cenas deste, estão presentes: transtorno dissociativo com perda de consciência, embotamento afetivo, ambivalência, alucinações auditivas, alterações quantitativas da sensopercepção (visual) e ecmnésia¹⁹.

“Cidade de Deus” (2003)

Inserido no grupo de transtornos mentais da infância e adolescência por Wedding *et al.*⁶, o filme aborda crianças muito jovens que habitam uma favela carioca imersa em tráfico de drogas e violência. Nesse ambiente, esses autores colocaram que elas aprendem a não mostrar medo e parecem não se importar com a vida ou a morte. Elas correm com armas e falam em se vingar assassinando seus inimigos. Segundo esses pesquisadores, transtornos de conduta são a regra entre crianças e adolescentes da favela “Cidade de Deus”.

Rodrigues²¹, a partir desse contexto de privação emocional, social e de intensa violência, destacou os efeitos da falta de pai e de mãe na estruturação do psiquismo, além da configuração particular dos rituais de passagem da adolescência.

“Estamira” (2004)

Fiks e Santos Júnior¹⁶ avaliaram, nesse documentário em forma de ficção, que Estamira preserva muitas funções psíquicas, apesar de

ser portadora de esquizofrenia. De acordo com esses autores, o filme coloca a protagonista como filósofa de sua condição. Todavia, ela não faz poesia de sua patologia, mas procura dar voz a alguém que, mesmo em condições absolutamente adversas – transtorno mental e miséria –, consegue fazer suas escolhas.

Discussão

O retrato estereotipado mostra-se uma constante nos estudos que abordaram a representação nos filmes norte-americanos de diferentes elementos da Psiquiatria: o médico psiquiatra; os vários tratamentos por ele instituídos; o paciente com transtorno mental; ou até mesmo a etiologia de sua doença. Apesar de Gharaibeh¹¹ observar que 60% dos filmes de seu estudo apresentaram uma visão positiva do psiquiatra ou psicoterapeuta, quase metade da amostra mostrou violação de limites éticos por esses profissionais. Tal fato sugere a persistência de uma ambivalência em relação à Psiquiatria iniciada na década de 1930, tendo como ponto de partida, segundo Glen Gabbard e Krin Gabbard¹⁵, os filmes “Última hora” (1931) e “Mundos íntimos” (1935).

Os autores do atual estudo destacam o quanto essa imagem dualista da Psiquiatria ainda permeia o cinema recente, seja norte-americano ou brasileiro. “Don Juan DeMarco” (1995), por exemplo, apresenta em si dois estereótipos antagônicos. O primeiro é o do psiquiatra incompetente, que comete erros graves e que, preso à técnica, não consegue fazer vínculo pela falta de empatia. O segundo diz respeito ao psiquiatra, interpretado por Marlon Brando, que melhora sua vida pessoal ajudado pelo próprio paciente. No cinema nacional, essa dicotomia em relação à Psiquiatria pode ser vista em dois filmes. “Estamira” (2004) mostra o tratamento farmacológico de modo mais realista. A protagonista toma um remédio sabidamente caro, olanzapina, embora ele seja retratado de uma forma neutra e não necessariamente responsável pela melhora. Mesmo assim, Estamira tem posteriormente seu quadro estabilizado e consegue de certo modo organizar sua vida. Em contrapartida, “Meu nome não é Johnny” (2006) faz uma representação vilanesca do médico psiquiatra a ponto de ele pedir drogas ao traficante.

Nas duas primeiras fases do cinema norte-americano descritas por Glen Gabbard e Krin Gabbard¹⁵, a influência da Psicanálise imperou sobre a concepção da Psiquiatria. Apesar de Fiks e Santos Júnior¹⁶ dividirem a terceira fase em duas, elas parecem apresentar mais semelhanças do que diferenças. Na quarta fase, a representação negativa do psiquiatra e do doente mental pode ser vista como um evento posterior de uma cadeia iniciada na terceira fase, sob a influência da “antipsiquiatria”. Como na evolução de muitos fatos históricos, primeiro se idolatra algo, depois o despreza para, finalmente, chegar-se ao equilíbrio. A quinta fase é a prova desse processo pelo qual passou o retrato da Psiquiatria no cinema norte-americano, chegando-se atualmente a uma espécie de “meio-termo”. Nessa evolução, o tratamento farmacológico, que estava ausente nos filmes do passado, começa agora a ser incluso nas estórias cinematográficas e de um modo mais realista. Para essa mudança, não há como desconsiderar a própria evolução científica das medicações psicotrópicas como fator contribuinte. Todavia, essa relação não se aplica a todos os tratamentos da Psiquiatria, pois McDonald e Walter¹³ verificaram que a imagem da ECT tem sido cada vez mais denegrida no cinema norte-americano, embora suas evidências científicas tenham aumentado robustamente com o passar do tempo.

Essa tendência de uma visão mais verídica da Psiquiatria já começa a invadir também a TV. O canal HBO exibiu em 2008 uma série televisiva “Em terapia” ao longo da qual os mesmos pacientes eram atendidos às segundas, terças e quartas-feiras, um casal às quintas-feiras e, nas sextas-feiras, o próprio terapeuta se submetia a uma psicoterapia. Embora não tenha sido afirmada como tal, houve a aplicação de muitas técnicas da Psicoterapia Analítica Funcional²², pois muitos comportamentos clinicamente relevantes foram analisados nas próprias sessões.

Ao longo de toda a história do cinema norte-americano e principalmente nas suas primeiras décadas, a Psicanálise foi constantemente

vista como sinônimo de Psiquiatria e vice-versa. Entretanto, essa imprecisão em distinguir os dois modelos de prática clínica se estende para a própria literatura científica que, ao abordar esse assunto, parece usar os termos “psiquiatra” e “psicanalista” de maneira aleatória.

A bibliografia sobre o retrato da Psiquiatria no cinema brasileiro difere bastante da encontrada sobre o cinema norte-americano. Além de escassa, ela aborda filmes apenas a partir de 1981. Por isso e pela grande diversidade metodológica das análises das películas brasileiras, não é possível delinear nelas fases do retrato da Psiquiatria. Wedding *et al.*⁶ descreveram o comportamento dos personagens a fim de enquadrar filmes de diversas nacionalidades, incluindo a brasileira, nas categorias diagnósticas do DSM. Por meio de um estudo mais sistematizado, Maia *et al.*¹⁹ avaliaram de forma quantitativa e qualitativa o conteúdo de psicopatologia presente nas películas nacionais da fase de “Retomada”. Fiks e Santos Júnior¹⁶ procuraram analisar o retrato da Psiquiatria em alguns filmes brasileiros, sendo seu estudo o mais semelhante ao realizado por Glen Gabbard e Krin Gabbard¹⁵ para o cinema norte-americano. Entretanto, diferentemente do prisma psicanalítico utilizado por estes, os pesquisadores brasileiros fizeram uma análise mais fenomenológica de todos os filmes observados, inclusive os nacionais. Zusman²⁰, por sua vez, a partir de uma interpretação psicanalítica, fez uma análise aprofundada e específica de “Central do Brasil” (1998), cujo fenômeno analisado foi o trauma psíquico.

Mesmo diante dessas diferentes fontes bibliográficas em relação ao cinema brasileiro, alguns pontos em comum podem ser identificados. Primeiro, as películas da década de 1980 em diante são o principal foco de interesse, principalmente as da fase de “Retomada”. Segundo, nessa fase, a maioria dos filmes apresenta algum conteúdo de psicopatologia. Terceiro, questões sociais como miséria e violência são temas recorrentes nas películas que abordam algum transtorno mental. Quarto, não há divisão de fases do retrato da Psiquiatria no cinema brasileiro. Isso decorre, sobretudo, do fato de os filmes analisados se restringirem quase que totalmente à fase de “Retomada”. Sobre isso, inclusive, cabem duas questões. E se fossem avaliadas películas de outras fases do cinema nacional? Seria encontrado um outro perfil de filmes com psicopatologia a ponto de serem traçadas diferentes fases para a representação da Psiquiatria ao longo do cinema brasileiro? Quinto, poucas películas se preocupam com o retrato do tratamento psiquiátrico, seja na figura do médico psiquiatra ou da terapêutica indicada por ele. A ênfase parece estar sobre comportamentos inco-muns nos quais muitas vezes a psicopatologia se insere.

Essa abordagem de conteúdo psicopatológico no cinema nacional vem, na realidade, de longa data. Durante toda a segunda metade do século XX, o cineasta brasileiro Walter Hugo Khouri realizou várias películas com conteúdo de psicopatologia. Assim como seus filmes, vários outros da atualidade também não foram mencionados nas fontes bibliográficas encontradas. “O cheiro do ralo” (2006) é um exemplo.

Por fim, ao se comparar o retrato da Psiquiatria entre o cinema norte-americano e o brasileiro, pode-se estabelecer um paralelo, como mostra a tabela 3.

Tabela 3. O retrato da Psiquiatria pelos cinemas norte-americano e brasileiro

Cinema norte-americano	Cinema brasileiro
<ul style="list-style-type: none"> • Cinco fases distintas • Em todas elas, mistura de termos entre psiquiatra e psicanalista, que se reflete na própria literatura • Nas duas primeiras fases, influência maciça da Psicanálise • Na última fase, tratamento farmacológico como marco de uma representação mais verídica • Constante retrato estereotipado de diferentes aspectos da Psiquiatria • Ambivalência em relação à imagem do psiquiatra • Filmes analisados, sobretudo, por um ponto de vista psicanalítico ou fenomenológico 	<ul style="list-style-type: none"> • Não há divisão de fases • Quase todos os filmes analisados correspondem à fase de “Retomada” • Maioria das películas com algum conteúdo de psicopatologia • Foco maior no comportamento dos personagens do que no tratamento psiquiátrico • Diferentes linhas de estudo • Miséria e violência como temas recorrentes nos filmes que abordam psicopatologia

A principal limitação do atual trabalho resultou do próprio desenho dos estudos encontrados, cuja quase totalidade foi descritiva. Apenas Gharaibeh¹¹ apresentou uma abordagem quantitativa. Além disso, os diferentes modos de avaliação dos filmes, desde interpretação psicanalítica até análise fenomenológica, dificultaram sobremaneira a comparação entre variáveis comuns. Por fim, as próprias fontes bibliográficas não se preocuparam em definir bem suas variáveis de análise, exceto em alguns casos^{16,17,19}.

Conclusão

A representação da Psiquiatria pelas películas dos Estados Unidos pode ser dividida em cinco fases, ao longo das quais há uma mistura de termos entre psiquiatra e psicanalista, que se reproduz na própria literatura científica. Embora a inserção do tratamento farmacológico nos filmes norte-americanos mais recentes seja um indício de um retrato mais verídico da Psiquiatria, a ECT se mantém dentro de uma imagem negativa. Tal fato vai ao encontro da forma estereotipada que outros aspectos da Psiquiatria vêm sendo mostrados pelo cinema norte-americano, desde a figura do psiquiatra até a etiologia dos transtornos mentais.

Os filmes brasileiros, praticamente restritos à fase de “Retomada” do cinema nacional, não proporcionam delimitação de fases do retrato da Psiquiatria. A maioria deles apresenta conteúdo de psicopatologia, porém a associação desta com temas sociais sobrepuja sua abordagem voltada para o tratamento psiquiátrico.

Faltam estudos sobre o retrato de diferentes aspectos da Psiquiatria em filmes nacionais anteriores à década de 1980. Se eles forem realizados com critérios de análise bem definidos, será possível compreender melhor a evolução da expressão cinematográfica do Brasil em relação à Psiquiatria. Partindo do que o antropólogo Geertz²³ colocou, mediante uma análise semiótica dos significados presentes em uma visão microscópica de uma cultura, apreendem-se as estruturas de um discurso social, o qual pode ser identificado também em uma visão mais macroscópica. Desse modo, uma análise microscópica do retrato da Psiquiatria ao longo de todo o cinema nacional pode evidenciar estruturas de um discurso mais amplo, como o da própria sociedade brasileira, seja ela composta de indivíduos com ou sem transtorno mental.

Referências

- Green J. Psychiatry and the arts: new interfaces? *Advances in psychiatric treatment*. 2008;14(3):163-6.
- Gabbard GO. *Psychoanalysis & film*. 1st ed. London: Karnac; 2002.
- Farias AKCRD, Ribeiro MR. *Skinner vai ao cinema*. 1st ed. São Paulo: Esetec; 2007.
- Berg-Cross L, Jennings P, Baruch R. *Cinematherapy: theory and application*. *Psychother Priv Pract*. 1990;8(1):135-57.
- Hyler SE, Schanzer B. Using commercially available films to teach about borderline personality disorder. *Bull Menninger Clin*. 1997;61(4):458-68.
- Wedding D, Boyd MA, Niemiec RM. *Movies and mental illness: using films to understand psychopathology*. Washington, DC: Hogrefe; 2005.
- Schneider I. The theory and practice of movie psychiatry. *Am J Psychiatry*. 1987;144(8):996-1002.
- Schneider I. Images of the mind: psychiatry in the commercial film. *Am J Psychiatry*. 1977;134(6):613-20.
- Clara A. The image of the psychiatrist in motion pictures. *Acta Psychiatr Belg*. 1995;95(1):7-15.
- Walter G. The stereotype of the mad psychiatrist. *Aust N Z J Psychiatry*. 1989;23(4):547-54.
- Gharaibeh NM. The psychiatrist's image in commercially available American movies. *Acta Psychiatr Scand*. 2005;111(4):316-9.
- Gabbard GO. *Psicoterapia e o cinema de Hollywood*. *Rev Bras Psicoter*. 2000;2(3):241-51.
- McDonald A, Walter G. The portrayal of ECT in American movies. *J ECT*. 2001;17(4):264-74.
- Butler JR, Hyler SE. Hollywood portrayals of child and adolescent mental health treatment: implications for clinical practice. *Child Adolesc Psychiatr Clin N Am*. 2005;14(3):509-22.
- Gabbard GO, Gabbard K. *Psychiatry and the cinema*. Arlington: American Psychiatric; 1999.
- Fiks JP, Santos Júnior A. *No avesso da tela: a psiquiatria pelo cinema*. São Paulo: Lemos; 2006.
- Dubugras MTB, Mari JJ, Santos JFFQ. The image of psychiatrist in Academy Award winning films from 1991 to 2001. *Rev Psiquiatr RS*. 2007;29(1):100-9.
- Abreu PSBD. A inteligência e a doença de John Nash. *Rev Bras Psicoter*. 2002;24(1):43-51.
- Maia JMC, Castilho SM, Maia MC, Lotufo Neto F. Psicopatologia no cinema brasileiro: um estudo introdutório. *Rev Psiq Clín*. 2005;32(6):319-23.
- Zusman W. Interpretação psicanalítica do filme *Central do Brasil* sob o vértice do trauma. In: 44.º Congresso Internacional de Psicanálise; 2005; Rio de Janeiro, Brasil.
- Rodrigues AMP. *Cidade de Deus*. *Rev Br Psicoter*. 2002;4(2):137-43.
- Kohlenberg R. *FAP – Psicoterapia analítica funcional*. São Paulo: ESE-TEC; 2006.
- Geertz C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 1989.